

## Prefácio do livro *Avó, conta, conta!!!*

### Prefácio

Era uma vez... uma senhora da Escusa, chamada Fátima Salgueiro, que, em jeito de sentida homenagem à sua avó Ângela e a todas as outras avós, em boa hora, decidiu partilhar connosco parte da literatura popular que lhe fora transmitida quando era criança e que encontrou ao longo da vida, dando origem a esta coletânea.

No contexto nacional, há muito que o longo caminho de recolha e divulgação do património oral tem sido desbravado. Nomes como Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Consiglieri Pedroso ou José Leite de Vasconcelos, entre outros da sua geração, não podem deixar de ser aqui lembrados. Na verdade, estes foram os precursores de inúmeras recolhas que surgiram ao longo dos séculos XX e XXI, realizadas pelos muitos alunos dos cursos de Línguas e Literaturas, Estudos Literários, Literatura Popular, Literatura Oral Tradicional, entre outros; para além de diversos estudiosos do Património Cultural Imaterial que, sem qualquer objetivo académico, se preocuparam em recolher o património oral das suas terras, das suas gentes e o têm dado a conhecer até aos dias de hoje, como sucede com Fátima Salgueiro.

Ao ser um tipo de literatura composta por géneros inicialmente promovidos na e pela oralidade, pois muitos tiveram a sua origem no seio do povo, num contexto muito distante do mundo letrado da cultura oficialmente reconhecida, só através das diversas coletâneas foi possível garantir a sua persistência. Assim, esta recolha organizada por Fátima Salgueiro representa mais



um importante contributo para a divulgação da sabedoria popular em geral e, em particular, dos seus familiares da Escusa.

Muitas das estórias aqui apresentadas são por nós conhecidas, o que não é de admirar, atendendo a que a literatura oral tradicional passa de boca em boca, é contada e recontada. Muito do que nos chega hoje é uma variante de outra história anteriormente recolhida. Ainda assim, sendo a “avó Ângela”, nas palavras da autora, uma nata contadora de estórias, acreditamos que alguns dos textos aqui coligidos tenham sido de sua autoria, se não na íntegra, em algumas partes, pois retratam cenários da região em que viveu. São disso exemplo “Figos que não passaram pelo cu do burro” ou “Um soldado pouco esperto”.

Coletânea composta por cerca de sessenta títulos em que predominam os contos populares, havendo também algumas fábulas e anedotas. Todas estas estórias, especialmente os contos, constituem um importante veículo para conhecermos a nossa cultura ancestral e transmitem-nos mensagens e ensinamentos intemporais.

As temáticas presentes nos textos reunidos são bastante diversificadas, citamos aqui apenas as que predominam. Assim, nas estórias de animais, frequentemente nos confrontamos com a astúcia vencedora da raposa, presente em “A lua no fundo do poço” ou “O lobo e a raposa”. Por outro lado, há textos que ilustram a vitória da inteligência dos mais fracos sobre a manha e a perfídia dos mais fortes, como sucede em “A raposa e o galo”, “A coruja, o mocho e a raposa”, “A velha da cabacinha”, “A cegonha e a raposa”, “A raposa e a tartaruga” ou em “A raposa e o mocho”. No contexto dos humanos, destacamos o tema do adultério entre os casais, patente em “O compadre do toucinho”, “O corno à janela” ou “O homem dos corninhos”; bem como a situação de namoro ou galanteio, sempre muito marcada por peripécias, resultantes muitas vezes da diferente condição social dos pares e de uma maior ingenuidade por parte de um deles: “O primo de Monsaraz”, “Declaração de amor de um cabreiro à



filha do lavrador”, “Um soldado pouco esperto” ou “O João To-leirão”. Encontramos ainda contos que ilustram a recompensa de uma personagem pela sua dedicação (“Os figos”) ou recriminam a preguiça (“A ferradura velha”). A ganância, a avareza e suas consequências dão corpo à trama de “O João ceguinho”, “O macaco juiz”, “A boa sentença”, “Cem libras” ou “O cego e o me-a-lheiro”. A presença dos Ratinhos no Alentejo e o forte convívio existente outrora entre Beirões e Alentejanos estão patentes em “A criada do padre-cura”, “A Ti’da cajaquinha pintada” e “Os almocreves”. Por fim, destacamos um tema que muito assolou o século XX, quando estas estórias foram contadas/ recolhidas, e que continua a preocupar toda a Humanidade no século XXI – a fome e a miséria. Os contos “Figos que não passaram pelo cu do burro”, “Os almocreves” ou “O galo preto” ilustram bem esse flagelo e até onde podia chegar o Homem para o contornar.

Ao contrário de outrora, em que qualquer final de tarde, serão ou tarefa agrícola representavam o ambiente propício à troca de saberes neste domínio; atualmente quase só nas escolas se partilham diversos géneros da literatura oral tradicional e, simultaneamente, se transmitem os muitos ensinamentos que estes encerram. A publicação desta coletânea e a sua divulgação junto da população, especialmente da mais jovem, representam um passo importante para dar continuidade à transmissão da sabedoria dos nossos antepassados.

E, porque de prefácio já basta, leia-se a primeira estória e avive-se a nossa memória!

*Teresa Simão*

Investigadora, Cátedra UNESCO em Património Imaterial e Saber-Fazer Tradicional. Universidade de Évora – CIDEHUS

Lisboa, julho 2016